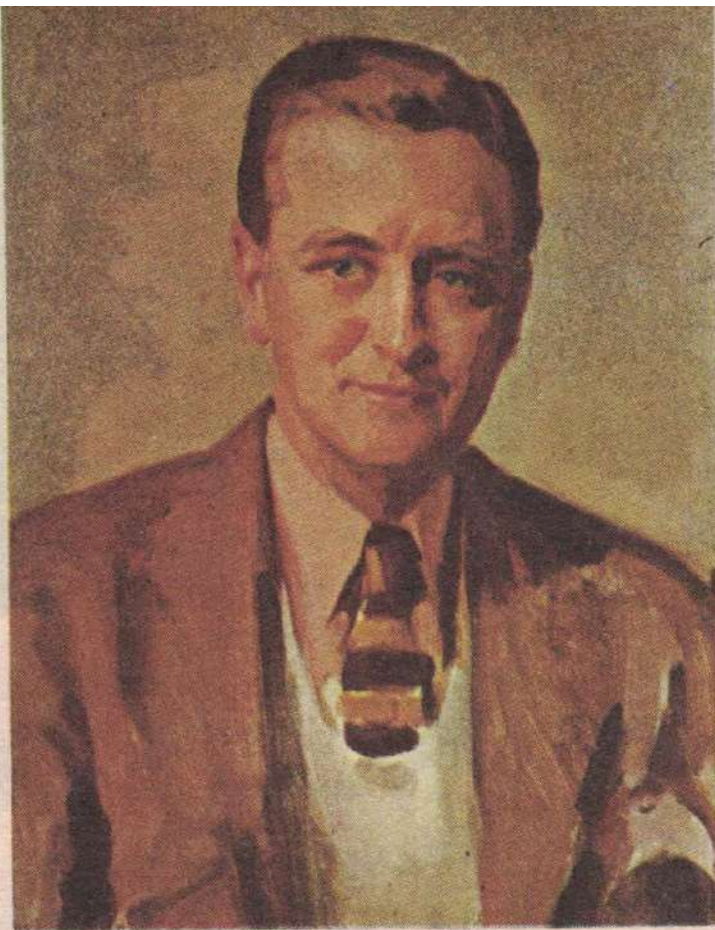




F. SCOTT FITZGERALD: O ÚLTIMO ROMÂNTICO

JOHN REDDY

Seus sonhos e sua tragédia foram os de uma época – a Era do Jazz – mas o sonho acabou; de repente, muitos anos depois, o autor de O Grande Gatsby volta a influenciar toda a juventude de hoje

QUANDO F. Scott Fitzgerald morreu em Hollywood em 1940, essa triste notícia foi uma surpresa para muitos. Pensavam que ele já tinha falecido havia anos. Arruinado pela doença, alcoolismo e tragédia, ele caíra na obscuridade, e seus livros estavam praticamente esquecidos. No entanto, hoje, há uma enorme onda de

interesse por Fitzgerald, que foi o cronista e, de muitas maneiras, a própria personificação do período que ele chamou de «a Era do Jazz». Espera-se que seus livros vendam quase um milhão de exemplares este ano nos Estados Unidos. Um filme baseado em *O Grande Gatsby*, seu romance mais conhecido, tem sido o mais espe-

RETRATO: NATIONAL PORTRAIT GALLERY, SMITHSONIAN INSTITUTION, WASHINGTON, D. C.

rado do ano. Seu derradeiro livro, *O Último Magnata*, também está sendo filmado e, em janeiro deste ano, um especial de televisão, com duas horas de duração, sobre a vida do escritor, foi visto por cerca de 37 milhões de espectadores nos Estados Unidos.

Por que haveria assim tanta preocupação, agora, com um escritor tão negligenciado no fim da sua vida? Numa época que se orgulha tanto de narrar a vida «como ela é», por que tanto interesse por um escritor romântico que só escrevia sobre pessoas ricas e bonitas e que vivia seus próprios sonhos deslumbrantes? A resposta, talvez, é a de que Fitzgerald capturou um tempo mais simples e mais feliz com lírica percepção e vívida imediatez. Como ele disse de Jay Gatsby, o próprio Fitzgerald possuía uma «exagerada sensibilidade pela vida». «Parecia estar sempre planejando a felicidade, livros para ler, lugares aonde ir», disse sua mulher, Zelda, depois que ele morreu. Fitzgerald sentia que todo momento era precioso. Era um apaixonado pela vida, mesmo quando ela o traía ou quando ele próprio fracassava.

A expressão «um personagem de Fitzgerald» veio denotar uma pessoa cheia de *charme* e romance, como o irresistível encanto juvenil de Scott. Todos os seus heróis eram baseados, pelo menos em parte, nele mesmo. «Algumas vezes, fico na dúvida sobre se eu e Zelda somos reais ou se somos personagens de um de meus romances», observou, nos primeiros tempos do seu sucesso. «Não estamos

empenhados em autopreservação», disseram Scott e Zelda. «Quando nos casamos, decidimos nunca ter medo.»

Neste lado do paraíso. Fitzgerald foi extremamente precoce. Em 1908, quando tinha 12 anos e vivia em St. Paul, Minnesota, já havia escrito um romance policial, montado peças teatrais com seus jovens amigos e até se apaixonado. Em Princeton, aquele rapaz de cabelos ondulados, olhos verdes e com um perfil de efígie tornou-se uma figura bem popular. «Faltavam-me os dois atributos mais importantes: grande magnetismo e dinheiro», ele escreveu mais tarde, «mas eu possuía os dois atributos secundários: boa pinta e inteligência. Por isso, sempre apanhei a melhor garota.»

Ele adorava Princeton, mas teve de deixar a universidade no terceiro ano ao contrair malária. Recuperou-se a tempo de se alistar no exército quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial. Destacado para Camp Sheridan, perto de Montgomery, Alabama, conheceu Zelda Sayre, uma bela e impulsiva loura de 17 anos. Cortejou-a ardentemente.

O frenético namoro foi interrompido quando a unidade de Scott recebeu ordens de embarcar com destino ao exterior, mas a guerra acabou justamente quando ele ia partir para França. Desmobilizado, foi para Nova York, a fim de ganhar dinheiro para se casar com Zelda. Empregou-se numa agência de publicidade e, à noite, escrevia contos — chegou a produzir nada menos que 19 num período de

três meses — e cartas inflamadas para ela. No entanto, os contos eram recusados e devolvidos com a mesma velocidade com que ele os enviava aos editores, e seu pequeno apartamento logo ficou inundado por mais de 100 cartas de rejeição.

Desanimado, abandonou o emprego, começou a beber desesperadamente e então voltou a St. Paul, para terminar um romance que começara a escrever nos seus tempos de universidade. Quando *Este Lado do Paraíso* foi publicado, em 1920, o sucesso foi imediato. Com apenas 23 anos, Fitzgerald passou a ser considerado o arauto da Era do Jazz, e as revistas, subitamente, não paravam de encomendar mais contos.

O sonho realizado. Fitzgerald e Zelda se casaram e foram para Nova York. Na sua lua-de-mel, brincaram de roda na porta giratória do hotel durante meia hora. Todo o país vibrava com o fim da guerra e as ações da Bolsa subiam como foguetes. As garotas cortavam o cabelo bem rente, bebiam gim de fabricação caseira e dançavam o *charleston*. «A América ingressava na maior farra de sua história», escreveu Fitzgerald, «e haveria muito o que contar a respeito.» Ele e Zelda aderiram de corpo e alma a essa nova mentalidade.

Eram alegres, despreocupados e extravagantes. Bebiam champanha, viajavam sobre o capô dos automóveis e mergulhavam no lago em frente ao Plaza Hotel de Nova York. Certa vez, foram a uma festa vestidos de pijama e camisola. Pareciam apaixonados pela opulência da riqueza.

(«Os ricos são diferentes de você e eu», escreveu Scott, no começo de um dos seus contos, ao que Ernest Hemingway acrescentou um comentário sardônico: «Sim, têm mais dinheiro.»)

Foram à Europa e vagaram pelo continente como ciganos, com Scott transformando quase tudo que viam ou faziam em sua ficção cada vez mais popular. Zelda estudava balé, pintava e até escrevia os seus contos. Scott trabalhava e tinha, às vezes, incrível capacidade de produção. Escreveu certa vez um excelente conto trabalhando 21 horas sem parar. Seu modo despreocupado de viver fazia parecer que sua obra surgia como que por um passe de mágica. Na verdade, ele era um cuidadoso estilista, revisando e reescrevendo sem parar. «Sou um estivador», ele escreveu a seu editor Maxwell Perkins. «Tudo que já atingi devo-o a uma luta intensa e persistente.»

Os Fitzgeralds voltaram a St. Paul para o nascimento de sua filha, uma garota chamada Frances, a quem eles apelidaram de Scottie. Com a publicação do segundo romance de Scott, *Os Belos e Malditos*, mudaram-se para Nova York, compraram um Rolis-Royce de segunda mão e alugaram uma casa em Long Island, onde adoravam dar as festas mais loucas. «Pede-se às visitas que não arrebem as portas à procura de bebida», dizia um aviso, «mesmo quando autorizadas a fazê-lo pelos donos da casa.» No meio de toda aquela frivolidade, Fitzgerald apegou-se a seu trabalho, determinado

a se tornar um grande escritor. Finalmente, conseguiu seu objetivo com a publicação, em 1925, de *O Grande Gatsby*, romance cujo personagem central era um homem que, como Fitzgerald, perseguia um ilusivo sonho romântico: «Gatsby acreditava no futuro que, ano após ano, reflui à nossa frente. Isto foi então um engano, mas não importa — amanhã apressaremos o ritmo, estenderemos mais longe os braços... e um belo dia...»

Os críticos ficaram entusiasmados e ele recebeu calorosos elogios de escritores tão famosos como Gertrude Stein, H. L. Mencken e Willa Cather. T. S. Eliot saudou *Gatsby* como o primeiro passo em frente da ficção norte-americana desde Henry James. O editor Arnold Gingrich declarou: «Scott Fitzgerald extrai da língua inglesa as tonalidades mais belas e puras, mais do que qualquer outro escritor.»

Fitzgerald estava, naturalmente, maravilhado. Não tinha ainda 30 anos e já havia conquistado o reconhecimento crítico que sempre pensara lhe ser devido. Scott possuía também uma generosa atenção para o talento alheio. Pouco antes de *Gatsby* ser publicado, Fitzgerald conheceu um escritor ignorado chamado Ernest Hemingway. «Apresento-lhe um jovem chamado Ernest Hemingway, que tem um brilhante futuro», escreveu Scott a seu editor. «Ele é que é bom.» Hemingway assinou contrato com a Scribner's e começou ali sua notável carreira.

Acabado. Em 1929, a bolha estourou — para os Estados Unidos e para

Fitzgerald. O mercado de capitais foi abaixo, e a tragédia aumentou quando Zelda sofreu um esgotamento mental e teve de ser internada na Suíça. (A partir dali, ela ainda seria internada inúmeras vezes até o fim da vida, morrendo finalmente quando seu hospital se incendiou.) Fitzgerald trabalhava desesperadamente para manter Zelda em sanatórios e Scottie em escolas caras nos Estados Unidos, mas cada vez se endividava mais.

Ele adorava Scottie e, quando se separaram, escreveu-lhe constantemente. Numa de suas cartas, fez estas recomendações: «Não se importe com a opinião dos outros. Não se importe com o passado — e não se importe com o fracasso, a menos que a culpa tenha sido sua.» Enquanto ele dava conselhos a Scottie, sua vida, no entanto, se tornava ainda mais complicada. Emigrou para Hollywood, tentando recuperar a sorte, escrevendo para o cinema, mas se frustrou diante do hábito dos estúdios de copidescarem o seu trabalho. «Sinto-me terrivelmente miserável quando vejo meses de trabalho paciente serem destruídos numa única semana apressada», escreveu certa vez. «Será que os produtores nunca se enganam? Sei que sou um bom escritor — sinceramente.»

Scott começou a perder as esperanças de que Zelda viesse a melhorar. «Nosso amor foi único», escreveu. «Se ela se recuperasse, eu seria feliz outra vez.» Atormentado pelas dívidas, depressão, alcoolismo e insônia, resumiu toda a sua angústia numa frase memorável: «Nas noites escuras

da alma, são sempre três horas da madrugada.» Seu quarto romance, *Suave é a Noite*, publicado em 1934, foi recebido com indiferença, e finalmente Fitzgerald teve um colapso nervoso. Trancando-se num hotel barato de uma pequena cidade de Carolina do Norte, lentamente se recuperou do colapso e recomeçou a sua atividade.

De volta a Hollywood, trabalhou algum tempo no roteiro de ...*E o Vento Levou*, até ser dispensado. Foi contratado para colaborar com o escritor Budd Schulberg em outro filme, mas demitiram-no por beber demais. «Houve uma época em que eu tinha um belo talento», disse a Schulberg. «Era maravilhoso sentir que ele estava dentro de mim, e sinto que ainda não se foi de todo.»

Escrevia contos para revistas que ele próprio considerava «lixo» (quase sempre a respeito de algum roteirista cinematográfico arruinado, o que ele temia estar se tornando), tentando ganhar tempo para escrever mais um «grande romance», sobre um poderoso produtor de cinema e que se chamaria *O Último Magnata*. Nesta época, não via quase ninguém, exceto a colunista Sheilah Graham, por quem tinha se apaixonado.

O julgamento do tempo. Quando Fitzgerald sofreu um ataque do coração, duas importantes revistas recusaram os primeiros capítulos do livro. Teimosamente, continuou trabalhando, deitado na cama, escrevendo sobre um quadro apoiado nos joelhos. «Só uma página por dia», ele disse a Schulberg, «mas uma *boa* página.»

Fitzgerald não bebeu durante mais de um ano, mas seu belo rosto estava macerado. Um amigo, ao vê-lo, lembrou-se das palavras de Robert Louis Stevenson: «Todos aqueles que se propuseram a dar tudo de si à sua obra o conseguiram, embora tenham corrido o risco de morrer antes de assiná-la.» Então, quatro dias antes do Natal de 1940, a morte entrou em cena e acabou com seus sonhos de terminar o romance. Tinha apenas 44 anos de idade.

Apesar de todas as suas vicissitudes, Fitzgerald é agora reconhecido como um dos maiores escritores de seu país em qualquer época. Escreveu 160 contos, entre os quais alguns dos mais belos da literatura norte-americana, e completou quatro romances. Quando *O Último Magnata* foi publicado, após a morte de Fitzgerald, o poeta Stephen Vincent Benét escreveu: «Podem tirar o chapéu agora, senhores, e não se esqueçam disto: não se trata de uma lenda e sim de uma reputação. Será sem dúvida uma das mais sólidas reputações do nosso tempo.»

Fitzgerald escrevera em *O Grande Gatsby*: «Após a morte de Gatsby, o Leste ficara obsedante para mim.» É a obsedante qualidade da sua própria vida assim como é agora sua reputação que parecem explicar o fascínio despertado por Fitzgerald em tantos de nós. Admiramos seu espírito galante e tão humano, buscando o ideal de perfeição e lutando incansavelmente contra toda a adversidade, com um entusiasmo que não é freqüente em outras pessoas.